

TÍTULO: PERSPECTIVAS DO ENSINO DA ARTE E CONVÍVIO NA REDE PÚBLICA DE ENSINO BÁSICO COM ATRAVESSAMENTOS DA PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO POPULAR

Daniela Mattos¹ – EPSJV-FIOCRUZ

O presente trabalho tem como objetivo compartilhar experiências e reflexões de minha prática docente em artes visuais, realizadas na rede pública de ensino básico, no Rio de Janeiro. Enfoco aqui os sete anos mais recentes nos quais venho atuando em escolas do âmbito estadual e federal: Colégio de Aplicação-Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAP-UFRJ), Escola Técnica República-Fundação de Apoio à Escola Técnica (ETER-FAETEC) e Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio-Fundação Instituto Oswaldo Cruz (EPSJV-FIOCRUZ), lecionando em anos de escolaridade variados (3º, 5º e 7º anos do ensino fundamental e 1º, 2º e 3º anos do ensino médio). Em todas as instituições citadas, resalto ter sido de fundamental importância a cooperação e a troca com colegas, professores (colegas de artes visuais e de outras disciplinas), coordenadores pedagógicos, apoio ou inspetoria e equipes de direção escolar. Apesar do contingenciamento e carência estrutural de recursos sofridos pelas instituições públicas do ensino, contei com a parceria de profissionais que estão comprometidos com fazer do ambiente escolar um espaço de troca, de resistência, de escuta, de diálogo, de acolhimento e de emancipação do alunado. Ainda assim, é amplamente notório e presente nas experiências em sala de aula e nas conversas das salas de professores, a exaustão docente e discente, expressão da precariedade e violência que não se reduz ao espaço das escolas e seus territórios, de modo mais ou menos evidente, mas que também se faz presente de forma expressiva na maior parte da cidade do Rio de Janeiro, em especial nos bairros periféricos. Pude atestar este fato no dia a dia das escolas que trago para compor este relato, em especial nos casos da ETER-FAETEC, localizada no bairro de Quintino, onde atuei durante entre 2024 e 2025 e da instituição em que estou vinculada mais recentemente, a partir de 2025, a EPSJV-FIOCRUZ, localizada no campus entre as comunidades de Manguinhos e Maré.

Parece já naturalizado para trabalhadores e estudantes, destas e outras instituições escolares próximas a zonas de confronto armado, o impacto causado pelas operações policiais nas comunidades situadas nos entornos das escolas, provocando o cancelamento de aulas, alterações no expediente e na possibilidade de circulação nas regiões afetadas, tornando quase impossível lidar com tal cotidiano sem nenhum adoecimento físico ou psíquico.

¹ Daniela Mattos é Pós-Doutora em Artes Visuais (PPGAV/EBA-UFRJ) / Doutora em Psicologia Clínica (PPGPC-PUC-SP) / Mestre em Artes Visuais (PPGAV/EBA-UFRJ) Professora-Pesquisadora de Artes Visuais no Laboratório de Formação Geral (Labform) da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/FIOCRUZ) e-mail: daniela.mattos@fiocruz.br

Seja no dia a dia ou na reflexão teórica em torno das práticas sociais e educativas, sabemos que são as vivências dentro e fora de sala, enquanto práticas sociais, que irão delinear saberes e sujeitos que estão no mundo, tal como preconiza o pensamento de Paulo Freire. A violência no contexto escolar não se limita ao que acontece no entorno de seus espaços, permeando as relações e emergindo também em seu interior. As questões ligadas ao cotidiano e à vida escolar são múltiplas, percebemos cada vez mais profundamente que “na sociedade contemporânea, vivemos em condições de adversidades complexas, tais como: violências, guerras, conflitos políticos, fome, pobreza, doenças etc. Dessa maneira, educar pessoas nessa realidade exige pensamento crítico e reflexivo permanente sobre o contexto em que se vive e necessidade de se qualificar para intervir nessas condições de vida.” (LEITÃO, 2010, p.238).

A concepção de Educação Popular, amplamente praticada e teorizada em toda a vida e obra de Paulo Freire, é uma ferramenta teórico-metodológica de importância ímpar para educadores nos dias de hoje, visto que nos estimula a perceber e incentivar o senso de coletividade no aprendizado e uma compreensão mais profunda sobre a realidade, promovendo formas de desenvolvimento de uma análise crítica sobre ela, possibilitando a gênese de métodos e estratégias no enfrentamento dos processos sociais de desigualdade. Podemos definir a Educação Popular como “um movimento (uma prática, uma experiência, um processo de luta) e um paradigma (um discurso, uma teoria, uma ideologia), que tem como objetivo, por meio da educação, empoderar as classes populares para enfrentar diversas modalidades de opressão, lutando assim por uma sociedade solidária e inclusiva. (MOTA NETO, 2015)

Seja como educadora, ou mesmo como psicanalista, uma questão que me acompanha é a de que as aulas de artes podem ser em alguma medida ambientes de troca sobre estas questões, por sua dimensão dialógica e potencialmente crítica. Nesse sentido, refletindo em torno das relações entre Artes Visuais e a Educação Popular, a educadora Camila Ferreira Araújo Freire, aponta: “o processo educativo está em todo lugar, basta que possamos perceber a educação como um processo sensível e contínuo, no qual todos podem aprender e todos podem ensinar, o que já é por si só um pensamento bastante revolucionário, visto que grande parte do nosso processo educativo ainda é profundamente marcado por metodologias tradicionais e positivistas, oriundas de nosso passado de colonização (...)”. Diante desta perspectiva, temos a possibilidade de abrir vias de debate em torno das teorias e práticas apresentadas para trabalhar os conteúdos de Artes Visuais em aula, que endereçam também aspectos tangenciais à construção das subjetividades e do enfrentamento à violência estrutural que estamos submetidas no mundo capitalista contemporâneo. Isto se faz possível por via da abordagem educacional e sensível dos gestos de expressão cultural enquanto resistências

poético-políticas que contribuem para um maior repertório estético e crítico, tanto dos estudantes quanto dos educadores, ao passo que fortalece e fomenta a saúde mental coletiva e individual como parte deste processo.

Outras visões de mundo tornam-se possíveis e se abrem quando há liberdade de experimentação, exercício da autonomia, da invenção e da elaboração coletiva docente e discente, tal qual aprendemos nas práticas artísticas, críticas, pedagógicas (e também psicanalíticas) de artistas, pensadores e coletivos que tem em suas práticas tais linhas de atuação, como é o caso de Hélio Oiticica, Lygia Clark, Mário Pedrosa, Rosana Paulino, Frederico de Moraes, Zanele Muholi, Paulo Freire, Grada Kilomba, David Medalla, Harmonia Rosales, Ivens Machado, Wanda Pimentel, Daniel Lima e Frente 3 de Fevereiro, Mariana Pimentel, Jorge Vasconcellos, Coletivo 28 de Maio, Mira Schendel, Maxwell Alexandre, Daiara Tukano, Aldeia Maracanã, Suely Rolnik, Yhuri Cruz, Priscila Oliveira, Patrícia Ruth, Ricardo Basbaum, Sandór Ferenczi, e tantas outras. Estes são alguns nomes de referências artísticas e teórico-metodológicas que venho utilizando em sala de aula, nas experiências aqui relatadas.

Os alunos com os quais tive contato na ETER-FAETEC, todos estudantes do 1º ano do ensino médio, enfrentavam além da violência urbana, turmas com um número de alunos excessivo, que chegava a um total de entre 35 e 45 alunos por turma. Importante dizer que, para se trabalhar de modo equânime e realmente emancipador os aspectos pedagógicos da disciplina de Artes Visuais, é necessário uma abordagem dialógica, prática e crítica, como já dito antes – algo que, com esse quantitativo é, no mínimo, bastante desafiador. Sendo assim, muitas aulas foram pensadas para a realização de atividades coletivas de análise e leitura coletiva de imagens de obras de arte modernas e contemporâneas, além da prática de desenhos, pesquisas e debates. O uso de material impresso, publicações individuais e coletivas dos artistas acima citados, contendo registros de obras, ações artísticas e exposições, além de múltiplos de arte (produzidos por Priscila Oliveira e Yhuri Cruz), bem como objetos artísticos autênticos (um Maracá indígena produzido na Aldeia Maracanã e um mosaico-cabide produzido pela artista Patrícia Ruth), foram os recursos encontrados para trabalhar em sala. Além disso, conteúdos de teoria da imagem como a introdução a aspectos mais formais acerca de elementos de composição, categorias históricas de produção artística e ainda teoria e prática de elementos visuais básicos, também foram ferramentas valiosas nas atividades em sala. A carência de materiais nos obrigava a trabalhar na maioria das vezes apenas com papel branco A4 fornecido pela instituição e lápis ou caneta de cada estudante (em algumas turmas havia o compartilhamento de materiais trazidos por eles, como lápis de cor e canetinha). Ainda assim, é possível afirmar que a articulação entre debate teórico em torno de obras e outros conteúdos, bem como a prática de desenho e escrita articulados aos conteúdos apresentados, possibilitaram que os estudantes

tivessem contato com um repertório mais amplo de conhecimento das questões artísticas, incentivando-os a associarem este conhecimento às suas próprias vivências e realidades cotidianas. Propor para estes jovens debates e práticas de desenho em torno de trabalhos como “Anastácia Livre” (2017) de Yhuri Cruz, que nos convoca a pensar sobre as questões da colonialidade, da violência epistêmica e da reparação racial; os impressos de Priscila Oliveira, com seu conjunto de frases disparadoras de imagens e/ou conversas, como “falar sobre falar” entre outras; as obras da série “pardo é papel” onde a vida nas comunidades e o trabalho precarizado ganham protagonismo crítico; um Maracá indígena produzido numa aldeia urbana como a Aldeia Maracanã; ou ainda, um mosaico-objeto produzido por uma artista de um coletivo de arte e saúde mental como o Ateliê Gaia (MBRAC), que luta pela inserção social de pessoas com adoecimento mental e pela luta antimanicomial, foi importantíssimo, um grande aprendizado para eles e para mim. Entendo tais experiências como um legado para minha prática enquanto educadora popular, engajada na autonomia de pensamento, no diálogo, na troca de saberes, na contextualização histórica da cultura como meio de fortalecimento e emancipação, que impactou também minha formação e prática clínica como psicanalista. Segundo o psicanalista Esperidião Barbosa Neto, “o vazio instalado por conta do trauma somente o é por falta de sentido, cujo espaço se põe à espera de ser preenchido. O trauma capacita o sujeito à constante superação de si, permite-lhe condições, inclusive, para o convívio entre os outros na civilização. Isto se encontra no campo da projeção e da sublimação, cujo imaginário prolifera, inclusive, no contexto das artes”. Assim, é no exercício de superação de si, no contexto da vida escolar, de nossas atividades cotidianas, (e ainda, na clínica psicanalítica que também exerço), que encontramos juntos, espaços para dar contorno a nossos vazios e desenvolvermos novas narrativas enquanto sujeitos, sendo mais capazes de dar conta da falta de sentido produzido pela violência urbana, pela carência material, pela instabilidade psíquica que daí deriva e que produz em nós afetos tristes e diminuição da vitalidade diante da realidade cotidiana. Também ressalto como salutar e gratificante a possibilidade de acompanhar a transformação dos estudantes no entendimento e na dissolução do preconceito contra aspectos característicos da arte contemporânea, proporcionando um repertório cultural mais plural, ainda que num cenário de precariedade inerente ao contexto da educação pública em geral.

Diferente de escolas estaduais ou municipais, o Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAP-UFRJ) possui uma estrutura material com mais recursos, salas destinadas às aulas de artes visuais, materiais de uso coletivo (doados ou comprados com colaborações voluntárias das famílias), divisão de turmas entre duas professoras por aula (o que nos permite trabalhar com mais proximidade com cada indivíduo em sala), o que não exclui

alguns aspectos de precariedade estrutural, dado o sucateamento que equipamentos de educação e saúde sofreram nos últimos anos, em especial durante a gestão federal de 2019 a 2022. Fui professora temporária da instituição, entre 2018 e 2019. A horizontalidade, o senso de coletividade e de parceria profissional que experimentei como professora da equipe de artes visuais, bem como todas as ações que pude acompanhar durante a gestão da equipe de direção da escola neste período foi, sem dúvida, algo que levo como um exemplo a ser replicado enquanto prática docente e prática social. Naquele momento, já havia passado por outras experiências profissionais bastante desgastantes e adoecedoras em outras instituições de ensino e posso afirmar que ter sido educadora no CAP-UFRJ me possibilitou o aprendizado, dentre tantas coisas, de que outras possibilidades de agência pedagógica e laboral são possíveis, principalmente se os indivíduos implicados nesta coletividade se empenham em prol de toda a comunidade escolar, investindo em seu bem viver de modo organizado e consistente.

O perfil socioeconômico do alunado, por certo, também difere um tanto daquele que acompanhei no contexto estadual. Acredito que tal questão se dê especialmente pela localização da escola, situada na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, entre os Bairros da Lagoa e do Jardim Botânico. Ainda assim, é perceptível que há diversidade racial, de classe e de gênero entre os estudantes. Experimentei com as turmas de 3º e 5º anos do ensino fundamental com as quais trabalhei situações de debate, as vezes que nem mesmo estavam planejados como conteúdo das aulas, em torno de aspectos político-sociais que nunca imaginei, mas tive a sorte e o privilégio, de acompanhar (como falar sobre colorismo, racismo e planejamento urbano com crianças de 3º ano do ensino fundamental). As mostras de artes visuais, organizadas anualmente, reafirmaram a potência dos trabalhos desenvolvidos, tanto por nós como equipe quanto pelo empenho dos estudantes, e nestes eventos pudemos compartilhar isso com as famílias e convidados presentes. Importante também destacar que no período de minha contratação, gestei e pari minha filha, hoje com 6 anos, algo que encaro com um privilégio, seja pela riqueza e alegria da experiência de passar esse período acompanhada pelas alunas, alunos e colegas, seja pela garantia de direitos trabalhistas que tive assegurados, cumprindo uma licença maternidade de seis meses, contando ainda com um generoso acolhimento no meu retorno à escola, num momento tão sensível à pessoas que gestam que é o puerpério.

No planejamento para os segmentos com os quais trabalhei, foi muito importante garantir espaços para o debate com as turmas, entendendo os desejos de experimentação artística de cada grupo e articulando as demandas dos grupos com os conteúdos adequados aos anos de escolaridade diversos. Neste processo, realizado nas primeiras aulas, a escuta do coletivo e dos indivíduos foi fundamental, alicerçados pela dimensão dialógica do ensino-

aprendizagem e pelo incentivo da autonomização dos sujeitos, aspectos fulcrais da educação popular. Nos terceiros anos decidimos construir maquetes de uma cidade inventada coletivamente e seus moradores, trabalhamos com lendas e grafismos das culturas indígenas que geraram esculturas em argila e atividades de desenho e pintura corporal. No caso do 7º ano o panorama foi bastante desafiador, especialmente no sentido de engajamento com os conteúdos da disciplina. Ainda que eles tenham escolhido muitos elementos condutores, havia uma resistência difícil de atravessar. Percebi que isso tinha a ver com a questão etária, a passagem da pré-adolescência para a adolescência que é um momento sensível e de delimitação de limites externos e internos, muitos questionamentos e recusas. Entre as situações que vivenciei com este grupo, o momento de avaliação foi dos mais fortes. O processo de autoavaliação processual e de como os conteúdos estavam sendo desenvolvidos em sala gerou uma elaboração coletiva que contribuiu muito para que o trabalho fluísse melhor posteriormente. Trabalhar o espaço da escola, dentro e fora de sala, com as linguagens da fotografia, desenho e pintura foi das propostas que mais mobilizaram essa turma.

Atualmente estou à frente da disciplina de artes plásticas/visuais na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio da Fundação Instituto Oswaldo Cruz (EPSJV-FIOCRUZ). Diferente das outras experiências citadas neste relato, como professora pesquisadora da Poli (como a escola também é chamada), meu vínculo é de um contrato CLT não temporário, o que me garante maior estabilidade e possibilidade de desenvolver um trabalho que não se encerra em dois ou quatro anos como nos casos anteriores, apesar de não ter as mesmas garantias e enquadramento salarial que um funcionário estatutário possui. Acredito importante esclarecer tais aspectos, uma vez que apesar de atravessarmos um período de gestão federal mais atenta com a educação e a saúde, temos ainda muito o que transformar para a melhoria das condições estruturais efetivas das pessoas trabalhadoras.

A EPSJV-FIOCRUZ “*concebe a educação como projeto de sociedade. Nesse sentido, é defensora de uma concepção politécnica que dialoga com as circunstâncias societárias atuais e, deixando explícita a sua concepção de mundo, compreende que o trabalhador se educa no conflito e na contradição, e que a aquisição, pela classe trabalhadora, dos saberes elaborados pela humanidade serve de instrumento para a luta contra a divisão social do trabalho e a dominação.*”, segundo seu Projeto Político Pedagógico. Acolher a contradição e o conflito nos processos de vida é, certamente, algo que pode ser apontado como interseção entre a arte, a educação popular e a psicanálise. Precariedade e impasses, em diferentes níveis, também constituem campos de atravessamento entre as instituições aqui citadas. No entanto, em todos os casos, é pela luta, pelo amor e pela construção de coletividades que se transforma o que pode parecer intransponível.

Venho trabalhando com 1º, 2º e 3º anos do ensino médio de formação politécnica em saúde, escutando as turmas para compor o planejamento das atividades e conteúdos, em parceria com uma comunidade escolar que valoriza e está atenta aos indivíduos e suas realidades, sejam aquelas e aqueles que vem das comunidades do entorno, ou os que vem de outras regiões. Temos uma divisão de grupos que tem acesso a quatro linguagens do ensino de artes: artes visuais, teatro, música e audiovisual. Isso contribui muito para o desenvolvimento dos conteúdos artísticos e pedagógicos com as turmas e nos possibilita também criar projetos em parceria entre as linguagens de artes e de outras disciplinas. Tenho trabalhado com as temáticas “observação e afetos” com os 1os anos, “memórias ancestrais” com os 2os anos, e “cartografias afetivas” com os 3os anos. Assim, tem sido possível agir no sentido de ampliar os horizontes do imaginário simbólico de cada estudante, bem como potencializar o repertório cultural e o pensamento crítico individual e coletivo das turmas.

Referências Bibliográficas:

BARBOSA NETO, Esperidião. Trauma E Arte: Do Vazio à Elaboração De Sentido. **Rev. Subj.**, Fortaleza , v. 20, n. 2, p. 1-12, ago. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692020000200003&lng=pt&nrm=iso (acesso em 31/10/25)

FREIRE, Camila Ferreira Araujo. CONVERSAS SOBRE EDUCAÇÃO POPULAR E O ENSINO DAS ARTES VISUAIS. In: (Re)existências: anais do 30º encontro nacional da ANPAP. Anais. João Pessoa(PB) ANPAP, 2021. Disponível em: <https://static.even3.com/anais/383746.pdf?v=638972558878366182> (acesso em 28/10/2025)

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 17ª Edição, 1997. Disponível em: <https://pibid.unespar.edu.br/noticias/paulo-freire-1970-pedagogia-do-oprimido.pdf/view> (acesso em 28/10/2025)

LEITÃO, Cleide. “Elaborando um Projeto de Intervenção Local para enfrentar a Violência da Escola”. in: ASSIS, Simone Gonçalves de (org.). Impactos da Violência da Escola: um diálogo com professores. Rio de Janeiro: Ministério da Educação / Editora FIOCRUZ, 2010.

MOTA NETO, João Colares da. Educação popular e pensamento decolonial latino-americano em Paulo Freire e Orlando Fals Borda. 2015. 368 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Belém, 2015. Programa de Pós-Graduação em Educação. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/items/b9097c8d-831c-4668-83d5-03c0b753d341> (acesso em 28/10/2025)

Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio - Projeto Político Pedagógico Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/ensino/projeto-politico-e-pedagogico> (acesso em 31/10/25)